

ANÁLISE DA CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA BRASILEIRA ENTRE 2000-2011: O IMPACTO DA FUSÃO DO ITAÚ COM O UNIBANCO

Bruna Gabriela Ribarczyk¹

Júlio César de Oliveira²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise da evolução da concentração bancária no Brasil uma década após a estabilização propiciada pelo Plano Real e avaliar os impactos da fusão do Itaú com o Unibanco e da crise financeira global de 2008. Nesse sentido, utilizar-se-á as razões de concentração bancária k , o índice de Herfindahl-Hirschman, e o índice de entropia de Theil, a partir dos dados de depósitos totais, depósitos à vista e depósitos a prazo para mensurar a evolução da concentração bancária brasileira entre 2000 e 2011. A análise realizada permite concluir que todos os índices conseguiram captar uma elevação da concentração bancária após a fusão do Itaú-Unibanco.

Palavras-chave: Concentração bancária, índices de concentração, fusão, Itaú-Unibanco.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos vêm ocorrendo um movimento de concentração no setor bancário do mundo todo. Este fenômeno ocorreu em função da desregulamentação dos mercados, do incremento do comércio mundial e pela demanda de produtos e serviços financeiros cada vez mais sofisticados. Acompanhando esse contexto, observa-se no Brasil um processo de estabilização dos preços após o Plano real em 1994, o qual afetou negativamente os bancos que conviviam com um quadro de inflação muito favorável e esta redução de ganhos em conjunto com a maior abertura da economia, além de exigir o desenvolvimento de produtos e serviços ágeis, revelaram a existência de ineficiência da atuação dos bancos.

Nesse novo ambiente, diante da apreensão quanto à saúde financeira do sistema, a autoridade monetária adotou mecanismos para fortalecer o mesmo, tais como a instituição do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (PROER), do Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária (PROES), do Programa de Fortalecimento das Instituições Financeiras Federais, (PROEF), e do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), a ampliação do poder de intervenção do Banco Central e em destaque, a redução das restrições à entrada dos bancos estrangeiros para aumentar a competição e eficiência do sistema doméstico.

Não só essas medidas foram consideradas muito eficientes e possibilitaram a reestruturação necessária ao setor para enfrentar o novo ambiente da década de 90, como também levaram ao reconhecimento internacional de um sistema bancário sólido no Brasil e com imenso potencial de crescimento. Uma década após a estabilização propiciada pelo Plano Real, observa-se no Brasil um processo de forte expansão do crédito, o qual em 2011 montou 49% do PIB do país (BACEN, 2012c). Para este período de expansão e consolidação do setor bancário no Brasil, realizar-se-á, neste trabalho, uma análise da evolução da concentração bancária no país. A importância do tema está relacionada com o papel estratégico do setor bancário na economia, através da intermediação financeira e do financiamento das atividades econômicas, e como a concorrência do setor é fundamental para propiciar o crescimento do investimento no país.

O principal objetivo deste trabalho é avaliar os impactos da fusão do Itaú com o Unibanco a partir da mensuração da concentração bancária brasileira no período anterior e posterior ao negócio. Para desenvolver a análise do grau de concentração do setor bancário brasileiro, serão analisados bancos e conglomerados que possuem carteira comercial durante o período de dezembro de 2000 até dezembro de 2011. O limite temporal (2011) deveu-se à disponibilidade de dados de fechamento de período no momento de realização da pesquisa, e a data de início foi escolhida para compreender toda a primeira década dos anos 2000. Decidiu-se utilizar dados de fechamento de período (dezembro), pois nos resultados de dezembro estão

os impactos de todo um ano, e também ao comparar dados de um mesmo mês evitam-se problemas de sazonalidade.

A parcela do mercado de cada banco (si) será apurada para três variáveis: depósitos totais, depósitos à vista e depósitos a prazo. A fonte de dados utilizada foi o Banco Central do Brasil, através dos dados contábeis divulgados no relatório 50 maiores bancos e o consolidado do Sistema Financeiro Nacional. Para análise da evolução desses três agregados, o trabalho apresenta algumas medidas utilizadas na literatura para mensuração do grau de competição, verificando a evolução dos índices no período de análise. Considerar-se-á quatro mensurações de concentração, das quais duas são razões de concentração bancária k (CR_k), o índice de Herfindahl-Hirschman (HH), e o índice de entropia de Theil (E).

A fusão do Itaú-Unibanco foi aprovada pelas entidades reguladoras (BACEN e CADE) por não ser considerada uma ação não competitiva. No entanto, não se pode ignorar que a maior fusão da história bancária brasileira tenha impactado todo o sistema, a partir dos ganhos de escala adquiridos pelo Itaú-Unibanco e da redução do escopo dos bancos menores. Sendo assim, procurar-se-á testar se a fusão entre o Itaú e o Unibanco restringiu a parcimônia entre as empresas do setor com um aumento repentino da concentração bancária que poderia levar ao emprego de operações financeiras excessivamente arriscadas para manter a lucratividade dos bancos menores, ou se a fusão que resultou no maior banco privado do Brasil não alterou significativamente a concorrência do setor e ainda trouxe ganhos de eficiência a partir da maior escala de atividades na nova instituição que se formou, a qual conta ainda com maior solidez.

Além desta introdução, o artigo está dividido nas seguintes seções: 2. Revisão Teórica, que tratará sobre a organização do sistema bancário brasileiro e sobre os principais estudos já desenvolvidos sobre o tema; 3. Metodologia, que discute os índices de concentração e a forma como serão calculado; 4. Análise da concentração do setor bancário brasileiro, que apresenta a análise dos índices calculados para todos os bancos e conglomerados com carteira comercial existentes no período de 2000 a 2011; e, 5. Considerações finais.

2 REVISÃO TEÓRICA

Em dezembro de 2000, o sistema bancário brasileiro era composto por 17 bancos públicos, 59 bancos privados nacionais e 46 bancos privados estrangeiros, em um total de 122 instituições. Em dezembro de 2011, havia 101 instituições, o que representa uma redução de 17% no número de instituições (Tabela 1). No entanto, ao contrário do movimento observado de redução da participação das instituições públicas e aumento da participação das empresas com controle ou participação estrangeira na década de 1990, nos anos 2000 observa-se que o enxugamento no setor foi acompanhado por uma manutenção da participação dos bancos públicos, dos bancos estrangeiros e dos bancos privados nacionais no total. Ou seja, o movimento de redução do número de instituições que ocorreu no setor bancário brasileiro no período recente, impactou as instituições independentemente da sua estrutura de capital.

**Tabela 1 - Número de bancos brasileiros pela estrutura de capital.
(2000 - 2011)**

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Bancos(1)	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez	Dez
Públicos (2)	17	15	14	14	13	13	12	12	11	9	9	9
Privados	105	106	97	96	95	91	92	89	90	91	91	92
Nacionais	59	60	55	56	56	55	56	54	57	59	61	56
Estrangeiros (3)	46	46	42	40	39	36	36	35	33	32	30	36
Total	122	121	111	110	108	104	104	101	101	100	100	101

(1) Instituições financeiras do tipo Banco Comerciais, Banco Múltiplo com Carteira Comercial, Caixa Econômica, ou conglomerado composto de pelo menos uma instituição do tipo Banco Comercial ou Banco Múltiplo com Carteira Comercial.

(2) Inclui bancos e conglomerados públicos estaduais e federais.

(3) Inclui bancos e conglomerados que detêm participação estrangeira, ou controle estrangeiro.

Fonte: BACEN (2012c)

Ao mesmo tempo, o tamanho dos maiores bancos aumentou substancialmente. Os dez maiores bancos respondem por cerca de 90% dos ativos bancários e das operações de crédito totais (BACEN, 2012a). A consolidação bancária permitiu o fortalecimento do setor, mas, ao contrário das expectativas criadas por parte da literatura especializada, não evitou a

permanência de problemas estruturais de ineficiência — manifestada nos elevados *spreads* bancários.

No Brasil, estudos como Nakane (2001), Belaisch (2003) e Petterini & Jorge Neto (2003) concordam que aparentemente o setor não se comporta como um mercado de concorrência perfeita, a não ser em alguns momentos ou regiões específicas (por sinal, a concorrência perfeita é um tipo de estrutura de mercado que pode ser considerada bastante incomum nas principais atividades das economias modernas, que são conduzidas, em sua maioria, por grandes conglomerados). Porém, observa-se também um funcionamento do mercado bancário muito distante de estruturas cartelizadas, concluindo, desta forma, que estruturas imperfeitas de mercado são as que melhor caracterizam este setor.

De acordo com o estudo de Belaisch (2003), que analisa o desempenho do sistema bancário brasileiro, encontram-se evidências de uma estrutura de mercado não competitiva no setor bancário brasileiro, sugerindo que em função da estrutura do mercado os agentes se comportam como um oligopólio. Segundo esse estudo, o poder de mercado dos bancos contribui para explicar as elevadas margens bancárias, que são mais altas do que em outras economias latino-americanas e muito mais altas do que nos EUA, no Japão e na zona do euro. A limitada competição entre os bancos contribui para explicar também, os elevados custos operacionais e a baixa eficiência dos bancos brasileiros, mesmo quando comparados com bancos de outros países latino-americanos.

No Brasil existem duas principais autoridades responsáveis pelas revisões de atos de concentração no setor bancário, quais sejam, a autoridade reguladora do setor e a autoridade antitruste. A autoridade supervisora, como sendo o Banco Central é responsável pela legislação setorial, estabelecendo, por exemplo, as regras e requisitos mínimos para novos entrantes, as normas operacionais das transações bancárias e interbancárias, além de supervisionar e fiscalizar o funcionamento das instituições bancárias (BACEN, 2012b). A autoridade antitruste, responsável pelas revisões de fusões e atos de concentração, é o CADE – Conselho Administrativo de Defesa Econômica – que visa a implementação de práticas e defesa das mesmas para um ambiente econômico competitivo,

condenando domínio de mercado que possa acarretar lucros extraordinários e aumento abusivo de preços.

De acordo com a teoria econômica, a concorrência perfeita é a estrutura de mercado que resulta em maior bem-estar para a sociedade, sendo assim o aumento da concorrência seria benéfico para a maioria dos setores. No entanto, mais especificamente no setor bancário, não há consenso sobre a relação entre concorrência e estabilidade sistêmica, ou seja, nem todos os autores defendem ser mais benéfico o aumento da concorrência no setor.

Uma primeira linha de estudos considera que o aumento da concorrência no sistema bancário pode ser positivo, pois visando superar a concorrência e manter a lucratividade, os bancos buscariam uma melhoria significativa da eficiência no setor. Outro argumento nesse sentido seria que o aumento da competição poderia ser benéfico, pois bancos muito grandes seriam *"too big to fail"*, ou seja, dado que há autoridades supervisoras mantendo e promovendo a estabilidade sistêmica, esses bancos poderiam arriscar-se mais nas transações, encontrando nos agentes e nas transações risco morais e aumentando sua probabilidade de falência, fato gerador de risco sistêmico. Portanto, a fim de evitar tal risco de crise gerada por instituições *"too big to fail"*, a promoção da concorrência seria saudável e maximizaria o bem estar agregado. Os principais estudos que defendem o benefício da concorrência para a estabilidade sistêmica bancária são Allen e Gale (2003), Boyd e De Nicolo (2002) e Perotti e Suarez (2003).

Entretanto, havendo alta competição, aumentaria a oferta de crédito no intuito de ganhar mercado e dessa forma os maus pagadores também teriam acesso ao mercado de créditos, aumentando-se o risco de inadimplência. Assim maiores custos e instabilidades no sistema seriam criados, o que poderia acarretar em diminuição do bem-estar da sociedade como um todo. Nesse contexto, encontramos uma segunda gama de estudos como Matutes e Vives (2000) e Keeley (1990) afirmam que a diminuição da competição bancária aumentaria a estabilidade do sistema, pois o lucro dos bancos teria maiores garantias, e assim a maximização dos lucros dos bancos não precisaria ser pautada em operações de maior risco. Segundo Resende (1992), o principal argumento para o aumento da concentração bancária,

seria que bancos de maior porte realizariam economias de escala, o que acabaria sendo repassado em termos de patamares de taxas de juros mais reduzidos e maior bem-estar para a sociedade.

Conforme Nasser (2008) é importante notar que a concorrência bancária exige certos critérios de parcimônia entre as empresas, uma vez que um aumento repentino de concorrência poderia levar os bancos à mudança de percepção e assim ao emprego de operações financeiras excessivamente arriscadas a fim de obter melhorias na lucratividade. No Quadro 1 são sintetizados os principais argumentos positivos e negativos a cerca do debate sobre a concorrência bancária.

Quadro 1 – Principais Argumentos da elevação da concorrência bancária

ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
Incentivo a eficiência para superar a concorrência.	Reduz a existência de economias de escala.
Limita a existência de bancos <i>“too big to fail”</i> .	Adoção de estratégias agressivas que elevariam os riscos de inadimplência e os riscos sistêmicos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

De qualquer forma, à parte da discussão da relação entre concentração bancária e estabilidade sistêmica, foram empreendidos esforços no sentido de quantificar essa concentração desde 1946 até 2007 nos trabalhos de Nasser (2008), Resende (2002), Corazza (2000), e Neto, Araujo e Ponce (2005). Tais estudos apontam para uma tendência de aumento da concentração bancária no país. Destaca-se um aumento mais significativo na década de 1970 devido às políticas governamentais de promoção a entrada do capital estrangeiro e na década de 1990, principalmente após o Plano Real, devido à adoção de mecanismos de fortalecimento ao setor como o PROER e o PROES. Observa-se ainda que para o início dos anos 2000, os estudos de Nasser (2008) e Neto, Araujo e Ponce (2005) apontam para nenhuma modificação brusca no período e ligeira tendência de aumento da concentração bancária brasileira (Quadro 2).

Quadro 2 - Resumo dos principais estudos investigados

ESTUDO	METODOLOGIA	REGIÃO DA PESQUISA	PERÍODO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Nasser (2008)	Foram empregados os CRK, o índice HH, o índice Hannah e Kay, o índice de Hall-Tideman, o índice E e o índice de Hause para os dados de ativos, depósitos totais e operações de crédito dos bancos nacionais.	Brasil	06/2000-12/2007	- Nenhum dos índices se modifica de forma brusca ao longo do tempo. - O grau de concentração no mercado brasileiro apresenta ligeira tendência de aumento. - Alguns bancos possuem poder de mercado, mas não se pode afirmar que atuem nos moldes de um cartel.
Resende (2002)	Utilizou-se o índice HH para as variáveis de depósitos totais, depósitos à vista, depósitos a prazo, número de agências e empréstimos dos bancos comerciais privados.	Brasil	1970-1986	- Observou-se um sensível aumento no nível de concentração do segmento de bancos privados para o período analisado. - Espera-se que o controle da inflação contribua para o aumento do grau de concorrência no setor.
Corazza (2000)	Realizou-se uma análise do índice HH e números equivalentes do sistema bancários privados medidos com base no total de depósitos.	Brasil	1946 - 1997	- Conclui que neste último ano o índice de concentração foi o mais elevado dos últimos cinquenta anos.
Neto, Araujo e Ponce (2005)	Foram utilizados o CR (3), o CR (5) e o CR (10), o Índice HH, o índice de Hall- Tideman e o índice E para ativos totais, depósitos e operações de crédito dos bancos comerciais.	Brasil	12/1995 – 06/2004	- Este artigo mostra que o mercado brasileiro concentrou entre os dez maiores bancos no período. - A comparação internacional indica que a estrutura da indústria brasileira é concentrada e semelhante à Espanha e Portugal, sendo mais concentrada do que os Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido.

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, a análise da literatura aponta para a inexistência de estudos mais recentes que quantifiquem a concentração bancária para toda a década dos anos 2000 de forma a possibilitar uma análise dos impactos imediatos da crise financeira de 2008 e da fusão do Itaú-Unibanco, objeto do presente trabalho.

3 METODOLOGIA

Para analisar a concentração bancária no Brasil, utilizarão quatro mensurações de concentração: duas razões de concentração bancária (CR4 e CR8), o índice HH, e o índice E. Nesta seção serão apresentadas as fórmulas utilizadas para os cálculos dos índices e das razões de concentração, assim como a interpretação e a abrangência de cada um deles.

Todos os índices são calculados a partir da notação de participação do mercado (s_i) que é calculado da seguinte forma:

$$X = \sum_{i=1}^n X_i \quad (1)$$

$$S_i = \frac{X_i}{X} \quad (2)$$

Onde X é a informação agregada disponível para a indústria (quantidades produzidas, vendas totais, ou como no caso deste trabalho, depósitos), e X_i a participação da empresa i .

3.1 Razões de Concentração Bancária - CR4 e CR8

A razão de concentração de ordem k fornece a parcela de mercado das k maiores empresas da indústria. Neste trabalho utiliza-se $k=4$ e $k=8$, para calcular a participação dos 4 maiores bancos e dos 8 maiores bancos. Assim:

$$CR(k) = \sum_{i=1}^k s_i. \quad (3)$$

Quanto maior o valor do índice, maior é o poder de mercado exercido pelas k maiores empresas. No entanto, de acordo com Kupfer e Hasenclever

(2002), este índice possui algumas deficiências. A principal deficiência que se apresenta é que o índice ignora a presença das $n-k$ empresas, de modo que fusões e aquisições entre essas empresas não afetarão o índice.

3.2 Índice Herfindahl-Hirschman - HH

O índice HH é definido por:

$$HH = \sum_{i=1}^n s_i^2 . \quad (4)$$

Elevar cada parcela de mercado ao quadrado implica atribuir um peso maior às empresas relativamente maiores. O índice HH varia entre $1/n$ e 1, e quanto maior for HH, mais elevada será a concentração e, portanto, menor a concorrência entre os produtores. Observa-se que o limite inferior de HH decresce à medida que aumenta o número de empresas, dessa forma, o índice depende tanto do número de empresas quanto da dispersão relativa da repartição do mercado entre elas (KUPFER; HASENCLEVER, 2002).

3.3 Índice E

Theil (1967) introduziu o índice de Entropia, que pode ser considerado uma medida inversa de concentração na qual o limite inferior, que corresponde a uma situação de concentração máxima, é igual a zero (situação de monopólio) e o valor máximo do índice é 1 e corresponde a uma situação de concentração mínima na indústria.

$$E = \frac{1}{\ln(n)} \sum_{i=1}^n s_i \ln \left(\frac{1}{s_i} \right) \quad (5)$$

Onde são designados pesos iguais aos seus próprios logaritmos naturais do inverso das participações de cada banco. De acordo com o trabalho de Braga e Mascolo (1982), tem-se que:

[...] considerando-se si como a parcela de mercado da i -ésima firma, a entropia representaria o valor esperado do conteúdo informacional de uma mensagem que afirmasse que, tendo sido vendido certo montante pela indústria em questão para um consumidor qualquer, a venda foi efetuada

pela i -ésima firma. Desta forma, quanto maior a parcela de mercado da firma, menor o “grau de surpresa” trazido pela mensagem, e vice-versa. (BRAGA; MASCOLO, 1982, p. 414).

4 ANÁLISE DA CONCENTRAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO

A tabela 2 mostra os valores para o período de 2000 até 2011 para o índice HH, calculado para os depósitos totais, depósitos à vista e depósitos a prazo no sistema bancário brasileiro. A análise do índice HH no período mostra que o setor bancário não apresenta indícios de monopólio ($HH = 1$) nem de concorrência perfeita ($HH = 1/n$, ou seja, de 0,0082 a 0,01).

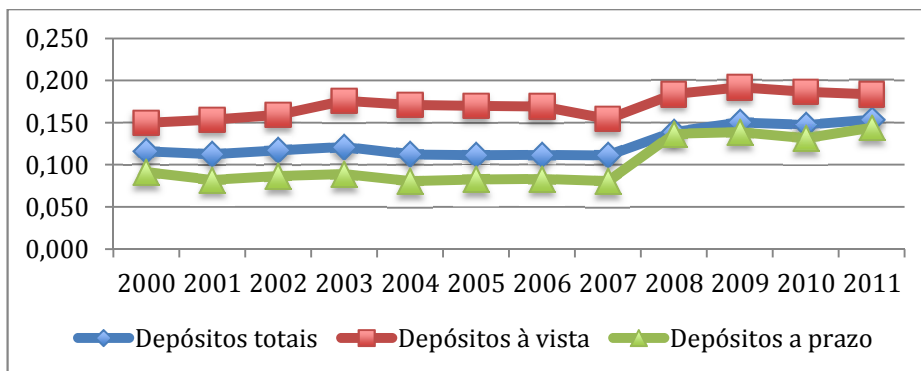
Tabela 2 – Evolução dos índices HH calculados para o sistema bancário brasileiro (2000-2011)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Depósitos totais	0,12	0,11	0,12	0,12	0,11	0,11	0,11	0,11	0,14	0,15	0,15	0,15
Depósitos à vista	0,15	0,15	0,16	0,18	0,17	0,17	0,17	0,15	0,18	0,19	0,19	0,18
Depósitos a prazo	0,09	0,08	0,09	0,09	0,08	0,08	0,08	0,08	0,14	0,14	0,13	0,14

Fonte: Elaboração própria baseado em dados do BACEN (2012a)

Na figura 1, na qual se pode observar melhor a evolução do indicador, observa-se que o índice HH apresentou relativa estabilidade entre 2000 e 2007 como era esperado em decorrência dos estudos de Nasser (2008) e Neto, Araujo e Ponce (2005), no entanto, em 2008 ocorre um forte aumento da concentração para todos os dados, mas principalmente para os depósitos a prazo. O período de aumento do índice de concentração bancária corresponde ao período em que ocorreu a fusão entre o Itaú e o Unibanco.

Figura 1 – Evolução dos índices HH calculados para o sistema bancário brasileiro (2000-2011)



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do BACEN (2012a)

De acordo com Resende (1992), a maior volatilidade nos níveis de concentração dos depósitos a prazo estaria relacionada ao comportamento diversificador instável dos demandantes deste tipo de depósito (essencialmente firmas). Ainda segundo o autor, a justificativa para os depósitos à vista apresentarem níveis de concentração relativamente mais elevados que os depósitos a prazo estaria no fato de que os bancos de maior porte possuem vantagem relativa aos bancos menores na captação de depósitos à vista por possuírem uma maior rede de agências já instaladas e uma maior capacidade de expansão dessa rede.

A tabela 3 apresenta os valores calculados para os índices CR (4) e CR (8) para os depósitos totais, depósitos à vista e depósitos a prazo no setor bancário do país entre 2000 e 2011. Observa-se a partir do índice CR (8), em 2011, que as 93 menores instituições financeiras (que representam 92% do total de bancos), respondiam juntas por apenas 12% dos depósitos totais do setor no período, o que indica uma elevada concentração no setor. Chama-se a atenção que enquanto o índice HH apresentou sinais de uma indústria pouco concentrada, os índices CR (4) e CR (8) mostram sinais contrários, ou seja, que a indústria bancária apresenta alta concentração. Essa contradição é explicada pelo número total de instituições no setor que é apenas considerado no índice HH. Sendo assim, entende-se que apesar do número elevado de instituições, o setor apresenta instituições com tamanho muito disforme, em que alguns bancos dominam o mercado, enquanto uns

grandes números de bancos pequenos respondem pelo elevado número total de instituições, mas são bancos de tamanho muito inferior que não conseguem fazer sua presença ser sentida.

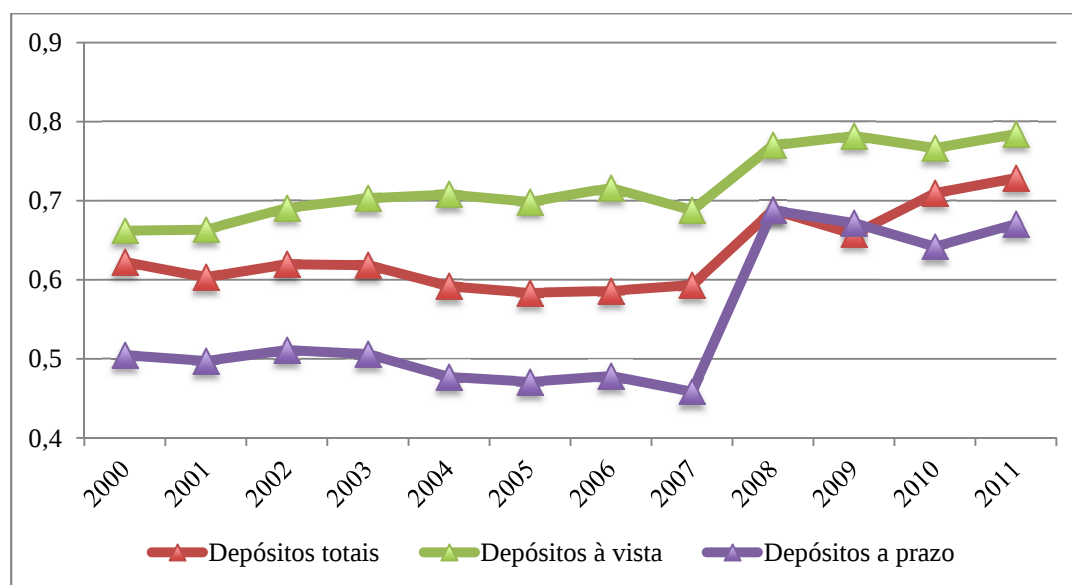
Tabela 3 – Evolução dos índices CR (4) e CR (8) calculados para o sistema bancário brasileiro (2000-2011)

		2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Depósitos totais	CR(4)	0,62	0,6	0,62	0,62	0,59	0,58	0,59	0,59	0,69	0,66	0,71	0,73
	CR(8)	0,77	0,77	0,8	0,81	0,80	0,80	0,81	0,81	0,89	0,89	0,87	0,88
Depósitos à vista	CR(4)	0,66	0,66	0,69	0,7	0,71	0,7	0,72	0,69	0,77	0,78	0,77	0,78
	CR(8)	0,85	0,85	0,86	0,88	0,89	0,88	0,89	0,88	0,94	0,95	0,93	0,94
Depósitos a prazo	CR(4)	0,5	0,5	0,51	0,51	0,48	0,47	0,48	0,46	0,69	0,67	0,64	0,67
	CR(8)	0,66	0,68	0,72	0,73	0,73	0,74	0,74	0,73	0,89	0,86	0,84	0,85

Fonte: Elaboração própria baseado em dados do BACEN (2012a)

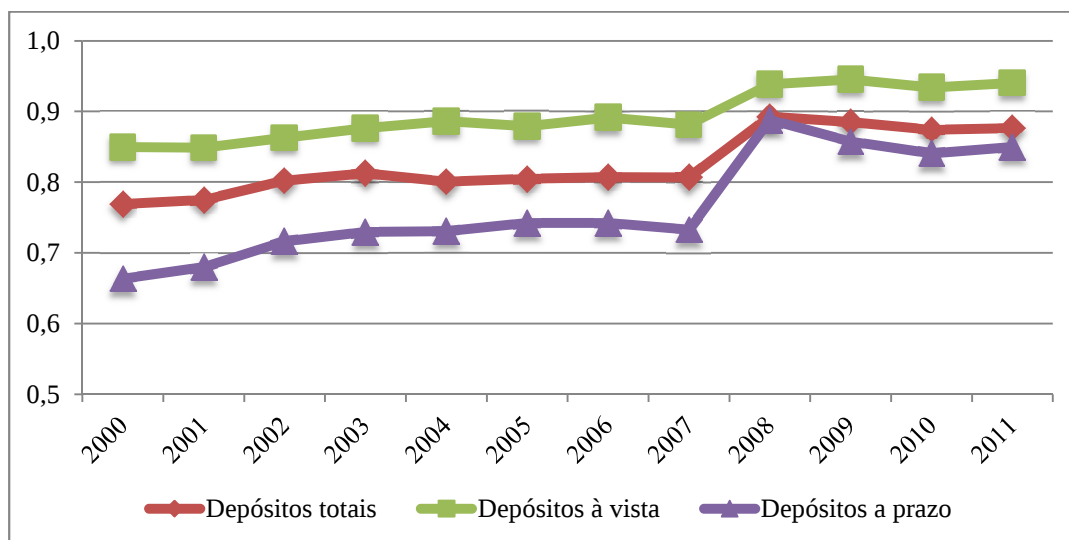
As Figuras 2 e 3 mostram, respectivamente, a evolução das razões de concentração dos 4 e 8 maiores bancos, calculados para os depósitos totais, depósitos à vista e depósitos a prazo anualmente de 2000 a 2011 com dados de fechamento do período (dezembro).

Figura 2 – Evolução dos índices CR (4) calculados para o sistema bancário brasileiro (2000-2011)



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do BACEN (2012a)

Figura 3 – Evolução dos índices CR (8) calculados para o sistema bancário brasileiro (2000-2011)



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do BACEN (2012a)

Nota-se que ambos os índices se modificam de forma brusca em 2008, o que pode ser interpretado como um resultado da fusão do Itaú com o Unibanco, pois em 2007 o Itaú era o quarto maior banco em depósitos totais no país e o Unibanco, era o sexto. Enquanto em 2007, os 4 e os 8 maiores bancos mantinham 59% e 81% dos depósitos totais do sistema financeiro, em 2008, apresentavam 69% e 89%, respectivamente. Porém observa-se relativa estabilidade para o restante do período e verifica-se um aumento da concentração mais significativo para os depósitos a prazo. Considera-se assim que a trajetória das razões de concentração apresentou semelhança com a evolução da série do índice de HH (Figura 1).

A tabela 4 apresenta o índice E (Entropia de Theil) para os depósitos totais, depósitos à vista e depósitos a prazo no setor bancário do país entre 2000 e 2011. O índice E apresenta análise de concentração contrária, ou seja, quanto mais próximo de 1 for o valor do índice, mais a estrutura se aproxima da competição perfeita. Observa-se que até 2007 para os três agregados o índice vinha apresentando uma estrutura pouco concentrada, visto que estava mais próximo de 1. No entanto, observa-se que a partir de 2008 o setor apresentou um ligeiro aumento da concentração.

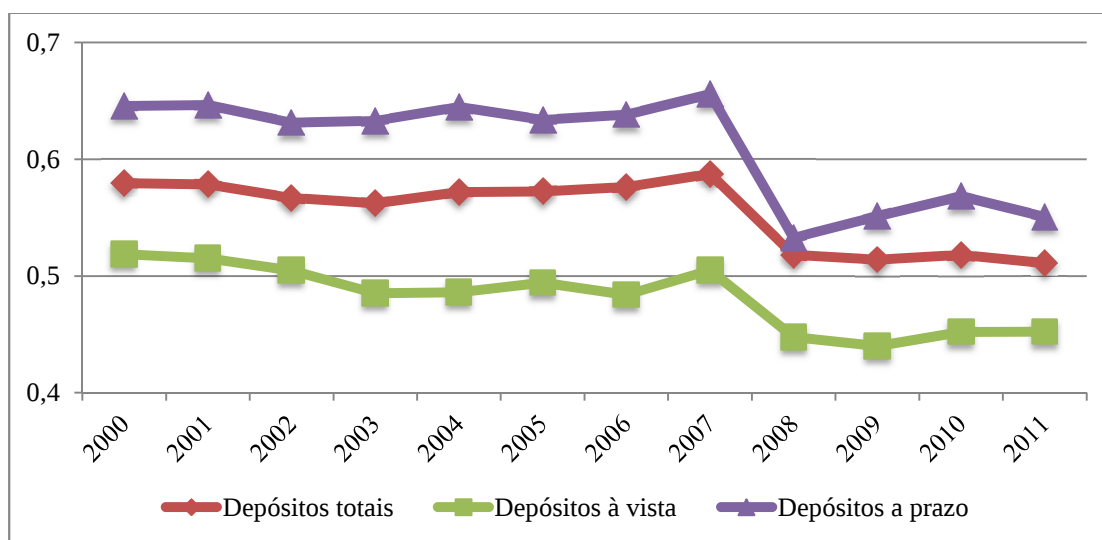
Tabela 4 – Evolução do índice E calculados para o sistema bancário brasileiro (2000-2011)

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Depósitos totais	0,58	0,58	0,57	0,56	0,57	0,57	0,58	0,59	0,52	0,51	0,52	0,51
Depósitos à vista	0,52	0,52	0,5	0,49	0,49	0,49	0,48	0,5	0,45	0,44	0,45	0,45
Depósitos a prazo	0,65	0,65	0,63	0,63	0,64	0,63	0,64	0,66	0,53	0,55	0,57	0,55

Fonte: Elaboração própria baseado em dados do BACEN (2012a)

A Figura 4 exibe a evolução do índice E, calculado para os depósitos totais, depósitos à vista e depósitos a prazo anualmente entre 12/2000 e 12/2011. Assim como os demais índices já analisados, o índice E apresentou uma mudança de patamar em 2008, o que pode ser considerado um efeito da crise financeira global e da fusão entre o Itaú e o Unibanco.

Figura 4 – Evolução dos índices E calculados para o sistema bancário brasileiro (2000-2011)



Fonte: Elaboração própria baseado em dados do BACEN (2012a)

As crises bancárias se mostraram recorrentes e quase inexoráveis ao longo da história dos bancos, desde suas origens até os dias atuais. Os bancos parecem sofrer de uma vulnerabilidade intrínseca associada aos riscos próprios de suas atividades, pois são instituições altamente endividadas, uma espécie de carregadores de dívidas, por meio de uma corrente de elos, soldados na confiança do público, de modo que a crise de um banco pode facilmente transformar-se em crise geral do sistema, por mais

sólido que ele seja. Além disso, os bancos desempenham um papel estratégico na economia, através da intermediação financeira e do financiamento das atividades econômicas, incluindo assim a criação de meios de pagamento através do crédito (CORAZZA, 2000).

A crise financeira global, que eclodiu em 2008, teve origem nas perdas causadas pelo *default* dos empréstimos das hipotecas de alto risco no mercado *suprime* norte-americano, mas que, em decorrência da securitização e distribuição no mercado global, muitos desses títulos pertenciam a investidores de diferentes nacionalidades, o que expandiu os impactos da crise para o mercado internacional.

Além do impacto direto sobre o setor bancário, a crise financeira global de 2008 teve sérios impactos sobre a produção e o emprego ao redor do mundo. No Brasil, a crise financeira global também repercutiu sobre a atividade econômica e sobre o setor bancário nacional, pois muitos investidores estrangeiros venderam suas posições no mercado brasileiro para investir em mercados de menores riscos. Muitas instituições bancárias desestabilizaram-se com a redução da liquidez disponível no país, assim como muitas famílias e empresas enfrentaram dificuldades financeiras que resultaram em aumento da inadimplência e afetando diretamente os resultados do setor bancário, com muitas instituições apresentando prejuízo no período da crise. As instituições menores foram as mais afetadas, e as dificuldades da crise levaram à insolvência de algumas dessas instituições. A principal solução encontrada pelas autoridades do setor bancário brasileiro foi promover fusões e aquisições para evitar uma crise bancária, os principais exemplos nesse sentido foram à aquisição dos bancos Nossa Caixa e Votorantim pelo Banco do Brasil, do Ibi pelo Bradesco e do Banco Pan-americano pela Caixa Econômica Federal. No entanto, não foram só os bancos menores que sofreram os impactos da crise financeira global, a sexta maior instituição bancária do país no período, o Unibanco, também apresentou problemas de liquidez no período da crise, o que pode ter contribuído para a sua fusão com o Itaú em Novembro de 2008.

A Tabela 5 apresenta as principais fusões e aquisições entre bancos e conglomerados com carteira comercial entre 2000 e 2011. Observa-se que entre 2008 e 2011, as principais fusões e aquisições ocorreram

principalmente, em consequência dos impactos da crise financeira global sobre as instituições que foram vendidas.

Tabela 5 – Fusões e Aquisições no setor bancário Brasileiro (2000-2011)

Instituição Compradora	Instituição Adquirida; data do negócio.	% do Capital (respectivamente)
Chase Manhattan	JP Morgan (set/00)	100
Santander	Banespa (nov/00)	97,4
Unibanco	Banco Fininvest (ago/01); Banco Investcred (ago/01); BNL do Brasil (jun/04); BEG (dez/01); BBA	99,8; 50; 100
Itaú	Creditanstalt (nov/02); Bank Boston (mai/06); Unibanco (nov/08)	84,5; 95,8; 100; *
Bradesco	BEA (jan/02); Banco Zogbi (nov/03); BEM (fev/04); BEC (dez/05); BMC (jan/07); Ibi (jun/09)	88,7; 100; 89,9; 100; 100; 100
ABN Amro Real	Banco Sudameris (abr/03)	94,6
Rural	Banco Sul América (mai/03)	ND
Bank ofAmerica	Bank Boston (jun/03)	100
Grupo Seculus	Banco Emblema (mai/04)	100
SociétéGénérale/ Banco Mais	Pecúnia (mar/06)	100
UBS	Pactual (mai/06)	100
SociétéGénérale	Cacique (fev/07)	100
Cetelem (BNP Paribas)	BGN (jul/07)	100
RBS, Fortis e Santander (Consórcio)	ABN AMRO (out/07)	100
Banco do Brasil	Nossa Caixa (nov/08); Votorantin (jan/09)	71,3; 50;
André Esteves	UBS Pactual (abr/09)	100
Caixapar	Panamericano (dez/09)	35
Scotiabank	Dresdner Bank (set/10)	100
BMG	Banco GE (set/10); Schahin (jul/11)	100; 100
BTG Pactual	Panamericano (jan/11)	37,64
JBS	Matone (mar/11)	60
WP	IndusvalMultistock (mar/11)	22,7
Cruzeiro do Sul	Prosper (dez/11)	88,7

* Criação da Itaú Unibanco Holding S.A. cujo controle será compartilhado, entre a Itaúsa e os controladores da Unibanco Holdings, por meio do holding não financeiro a ser criada, a IU Participações. A Itaúsa terá 66% do capital total da IU; e a Unibanco Holdings 33% do capital total. A IU terá 26% do capital total da Itaú Unibanco Holding; a Itaúsa, 18% do capital total; o Bank ofAmerica, 5,4% do capital total; e o mercado, 50,6% do capital total.

Fonte: RISK BANK (2011).

A fusão entre o Unibanco e o Itaú foi considerada a maior fusão da história bancária brasileira. Os dois bancos assinaram contrato de unificação das operações financeiras no valor de R\$ 87,9 bilhões. Esta fusão explica o grande salto que todos os índices de concentração apresentaram em 2008, visto que em 2007 o Itaú era a quarta maior instituição em depósitos totais e o Unibanco, a sexta. Já em 2008, após a fusão, o Itaú Unibanco aparece como a segunda maior instituição em depósitos totais, apenas atrás do Banco do Brasil, e a partir de 2010, torna-se a maior instituição em depósitos totais do sistema financeiro brasileiro.

Visto que todos os índices conseguiram captar a mudança de patamar do grau de concentração ocorrida após a fusão do Itaú-Unibanco, pode-se afirmar que a operação restringiu a parcimônia entre as empresas do setor com um aumento repentino da concentração bancária. Esse movimento pode ter levado ao aumento de riscos sistêmicos pela fragilização dos bancos menores, assim como, não se pode deixar de citar o Itaú- Unibanco como um exemplo de instituição “too big to fail”, dado que é, atualmente, o maior banco privado nacional. No entanto, deve-se destacar também os ganhos de eficiência e os melhores níveis de solvência e liquidez que a nova instituição possui como resultados benéficos da operação de reestruturação realizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da concentração do setor bancário brasileiro entre 2000 e 2011 através das duas razões de concentração - CR4 e CR8, do índice HH e do índice E calculados sobre os dados de depósitos dos bancos e conglomerados com carteira comercial em operação no período, conclui-se com o presente trabalho que a concentração bancária brasileira segue aumentando no país. Resultado este que entra em acordo com a literatura estudada, que afirma haver poder de mercado sendo exercido por alguns bancos brasileiros.

Quanto à evolução da concentração no período analisado, destaca-se que a concentração do setor apresentou um salto brusco em 2008 devido aos impactos da crise financeira global, das fusões e aquisições que ocorreram

em consequência da crise, mas principalmente para o contexto brasileiro, em função da fusão entre o Itaú e o Unibanco, duas instituições de grande porte do sistema bancário do país. Nesse sentido, é importante salientar que todos os índices conseguiram captar a mudança de patamar do grau de concentração ocorrida após a fusão do Itaú-Unibanco.

Outra conclusão pôde ser identificada a partir da comparação dos diferentes índices de concentração. Salienta-se, nesse sentido, que apesar do elevado número de instituições financeiras em operação no país, esses apresentam estrutura bastante disforme, com poucos bancos exercendo certo poder de mercado, enquanto um número elevado de instituições apresenta porte muito inferior. O tamanho fortemente desigual dos bancos brasileiros também é muito prejudicial para a solidez do setor, pois os bancos muito pequenos não conseguem se estabelecer e acabam apresentando dificuldades financeiras e sendo comprados pelos bancos maiores. Esse fato também explica porque o número total de bancos apresentou uma constante redução durante todo o período analisado.

Afirma-se então que tanto o aumento da concentração ocorrido em 2008 quanto o diferencial de porte dos bancos brasileiros contribuem para a manutenção de ineficiências no setor. No entanto, a inexistência de consenso sobre a relação entre concentração bancária e estabilidade do sistema leva a conclusão de que existe ainda um grande espaço para o surgimento de novos estudos que possam analisar se o aumento da concentração bancária apresentado por este trabalho trouxe benefícios para o setor suficientes para compensar a redução da concorrência e os malefícios envolvidos neste último.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the evolution of bank concentration in Brazil a decade after the stabilization provided by the Plano Real and evaluate the impacts of the merger between Itaú and Unibanco and the global financial crisis of 2008. This paper uses the bank concentration ratios K, the Herfindahl-Hirschman index and Theil's entropy index from the data of total deposits, demand deposits and term deposits to measure the evolution of

Brazilian bank concentration between 2000 and 2011. We conclude that all indices managed to capture an increase in bank concentration after the merger of Itau-Unibanco.

Keywords: Banking concentration, concentration indices, merger, Itaú-Unibanco.

NOTAS

¹ Graduada em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrando pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

REFERÊNCIAS

Conference on Bank Concentration & Competition, 2003.

BACEN. Banco Central do Brasil. *50 maiores bancos e o consolidado do Sistema Financeiro Nacional*, 2012a. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/top50/port/top50.asp>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

_____. Banco Central do Brasil. *Manual da supervisão*, 2012b. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/gmn/visualizacao/listarDocumentosManualPublico.do?method=listarDocumentosManualPublico&idManual=1>>. Acesso em: 01 jul. 2012.

_____. Banco Central do Brasil. *Sistema Gerenciador de Séries Temporais*, 2012c. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=p repararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

BELAISCH, A. Do Brazilian Banks Compete? *IMF Working Paper*, p. 1-22, May 2003. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=879189>. Acesso em: 23 jun. 2012.

BOYD, J.; DE NICOLO, G. *Bank risk-taking and competition revisited*. Working Paper, Carlson School of Management, University of Minnesota, 2002.

BRAGA, H.C.; MASCOLO, J.L. Mensuração da concentração industrial no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v.12, n.2, p. 399-454, 1982.

CORAZZA, G. *Crise e Reestruturação Bancária no Brasil*. Textos para discussão PPGE/ UFRGS, 2000. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2000_08.pdf. Acesso em: 23 de Junho 2012.

KEELEY, M. Deposit insurance, risk and market power in banking. *American Economic Review*, n. 80, p. 1183-1200, 1990.

KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. *Economia Industrial*. Rio de Janeiro: Campus, 680 p., 2002.

MATUTES, C.; VIVES, X. Imperfect competition, risk taking, and regulation in banking. *European Economic Review*, n. 44, p. 1-34, 2000.

NAKANE, M. I. *A test of competition in brazilian banking*. Texto para discussão, FEA-USP, fev. 2001.

NASSER, A. A.M. *Competição e Concentração no Setor Bancário Atual: estrutura e evolução ao longo do tempo*. São Paulo, Monografia, USP: 2008.

NETO, P. D. M. J.; ARAÚJO, L. A. D.; PONCE, D. A. S. Competição e concentração entre os bancos brasileiros. *Encontro Nacional de Economia*, ANPEC - Associação Nacional dos Centros de Pós graduação em Economia, Natal, Brasil, 33, 2005.

PEROTTI, E.; SUAREZ, J. Last bank standing: what do I gain if you fail? *European Economic Review*, n. 46, p. 1599-622, 2003.

PETTERINI, F.; JORGE-NETO, P. M. *Análise da competição dos bancos privados nacionais nas operações de crédito do sistema financeiro nacional*. Dissertação de mestrado, CAEN/UFC, 2003.

RESENDE, M. Mensuração da Concentração Bancária no Brasil, 1970/86. *Análise Econômica*, n.17, mar. 1992. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/10408/6098>>. Acesso em: 28 Ago. 2012.

RISKBANK, *Fusões e aquisições (desde 1998 até 2011)*, 2011. Disponível em:<<http://www.riskbank.com.br/autentica.pl?arquivo=fusoes.pdf&area=3>>. Acesso em: 01 Ago. 2012.